

COMUNIDADES TRADICIONAIS DO PARQUE ESTADUAL DA ILHA DO CARDOSO E A AMEAÇA DO TURISMO EMERGENTE¹

Miriam MILANELO²

RESUMO

O litoral sul de São Paulo apresenta-se ainda em muitos pontos, povoado por populações tradicionais caiçaras, pescadores artesanais que em sua maioria conservam muitos traços de uma cultura centenária, carregando em si grande harmonia na utilização dos recursos naturais. As comunidades ou vilas dispersas pelo Parque Estadual da Ilha do Cardoso ainda demonstram muitos traços primitivos dessa cultura, desaparecida em quase todo o litoral paulista. Apesar do difícil acesso e pela legislação vigente no parque, estas comunidades não estão à salvo do assédio de um turismo desordenado e emergente que deixa seus resíduos de influência negativa tanto no meio quanto na cultura, desestruturando essas populações. O objetivo deste trabalho é caracterizar essas comunidades e a ameaça em potencial que o turismo emergente e desordenado no litoral sul pode ocasionar ao parque, particularmente enfocando um caso, a vila do Marujá.

Palavras-chave: Parque Estadual da Ilha do Cardoso, caiçara, turismo, descaracterização.

1 INTRODUÇÃO

É grandemente difundido que os ecossistemas costeiros brasileiros sofrem influências quase sempre negativas devido à sua crescente ocupação humana desordenada (TOMMASI, 1990). Além dos danos causados à natureza de um modo geral, tem que se levar em consideração a desestruturação das comunidades litorâneas tradicionais, os caiçaras, que sobrevivem da pesca artesanal e da agricultura de subsistência (ANGELO, 1989 e 1990; BECK, 1989; DIEGUES, 1990). Essas comunidades, ao longo da história, manejam o seu patrimônio natural conferindo grande estado de conservação a ambientes costeiros.

A expansão turística desordenada devido principalmente a interesses imobiliários, tem levado à destruição de dunas, manguezais, restingas e despejando efluentes domésticos em águas costeiras, contaminando o meio, o que fatalmente afeta as populações humanas locais, que acabam sendo expulsas de suas terras (TOMMASI, 1990). Outro fator preponderante para sua descaracterização é o notável choque cultural que o

turismo desordenado pode acarretar a estas comunidades (SIQUEIRA, 1989).

No litoral sul de São Paulo ainda há em muitos pontos isolados, comunidades que vivem da pesca artesanal. É no Parque Estadual da Ilha do Cardoso que se encontra um dos últimos redutos dessas comunidades tradicionais, porém em algumas delas já é possível perceber sintomas de um turismo desordenado e emergente, principalmente na Vila do Marujá, sul da ilha. O Parque Estadual da Ilha do Cardoso apresenta grande estado de conservação o que pode ser atribuído, historicamente, ao modo pelo qual a ocupação humana e o uso da ilha se deram. Porém toda esta harmonia está ameaçada devido a um turismo emergente no local. O objetivo do presente trabalho é caracterizar as ameaças que as comunidades residentes e a ilha podem sofrer, particularmente enfocando a Vila do Marujá onde há maior assédio de turistas.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado entre janeiro de 1990 e janeiro de 1992, no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, localizado no extremo sul do litoral paulista.

Para uma primeira tomada de informações sobre o local, realizou-se análise de pesquisa bibliográfica e entrevistas a alguns pesquisadores que realizam e/ou realizaram trabalhos na área e em seu entorno. Trimestralmente as comunidades eram visitadas a fim de se estabelecerem observações pessoais e reuniões com membros da comunidade, principalmente com as lideranças locais. A pesquisa participativa foi o método escolhido para trabalhar com os turistas e veranistas da Vila do Marujá, durante férias e feriados prolongados, ao longo do período de estudo.

3 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Parque Estadual da Ilha do Cardoso possui uma área de 22.500 ha, abarcando grande variedade de ambientes associados a costa brasileira (Mata Atlântica, restinga, dunas, manguezal, estuário, praias e costão rochoso) apresentando elevado grau de conservação. Sua face estuarina fica separada do continente pelos canais do Ararapira e do Trapandé e o oceano Atlântico banha a sua outra face. A porção central da ilha é serrana e seu pico mais alto é de 900 m de altitude. Sua densa cobertura vegetal típica de Mata Atlântica confere-lhe um

(1) Trabalho parcialmente subvencionado pelo Fundo Mundial para a Vida Silvestre - WWF-US.

(2) Bióloga - Parque Estadual da Ilha do Cardoso - CEPARNIC/SMA - CP 26 - 11990 - Cananéia - SP.

belo contorno no horizonte do observador que vem de Cananéia. Em sua periferia há extensas formações de florestas de planícies (restingas e manguezais do lado estuarino e costões rochosos em algumas praias do lado oceânico) onde encontram-se dispersas as suas comunidades tradicionais. Em direção ao sul, as montanhas terminam na Vila do Marujá a partir de onde uma estreita faixa de restinga prolonga-se por aproximadamente 15 km, tornando-se fácil a transposição do lado estuarino para o oceânico. Na altura da Vila do Marujá, em direção ao oceano, avista-se um importante local de pouso e reprodução de aves marinhas, a Ilha do Castilho. Este conjunto forma grande beleza cênica e tem atraído grande número de turistas, ávidos por locais ainda pouco explorados e pela pesca abundante.

4 RESULTADOS

Atualmente o Parque Estadual da Ilha do Cardoso possui nove núcleos populacionais dispersos por toda a sua orla, contando com aproximadamente 350 habitantes fixos. Em sua face estuarina é que se concentra a maior parte de suas atividades econômicas que é caracterizada principalmente pela pesca com redes de espera, espinhel, de lanço, gerival e com o "cerco". A agricultura de subsistência (mandioca de rama, feijão, milho) é praticada timidamente, dado que estão dentro de um parque estadual que restringe esta prática. Muitas famílias detêm o instrumental para o fabrico artesanal de farinha de mandioca, o "tráfico". Com cipós da mata, o "imbé" e a "timbupeva" ainda tecem, por meio de mãos habilidosas, cestas dos mais diversos tipos e tamanhos e, com a raiz de determinadas figueiras, fazem as suas "gamelas". Redes e canoas também são confeccionadas por alguns. Ervas medicinais e simpatias para curar diversos males permanecem em sua tradição, apesar de recorrerem à cidade para consultar um médico, vez ou outra.

O número de casas nessas comunidades oscila de 4 a 58 sendo que em algumas comunidades, até 40% pertencem a turistas. Existem, vivendo isoladas, famílias de até dez pessoas ao longo da faixa estuarina.

Na parte norte da ilha situa-se o Pereirinha, que é um caso particular por abrigar o Centro de Pesquisas Aplicadas de Recursos Naturais da Ilha do Cardoso - CEPARNIC -, criado em 1978 e que possui ampla infraestrutura para a realização de pesquisas e educação ambiental. A sua população, de 35 pessoas, é formada por antigos moradores locais, cuja mão-de-obra de alguns deles está empregada no funcionalismo público para a execução de trabalhos de vigilância e manutenção do Centro e também por pesquisadores residentes no local. Há um gerador de energia elétrica e uma classe multisseriada do ciclo básico para as crianças locais.

Itacurussá possui uma capela e sete casas, duas das quais pertencentes a turistas de São Paulo que as adquiriram de ex-moradores locais. Pesca artesanal e cultivo de mandioca são a base de sua economia.

Situadas na face oceânica da Ilha, Ipanema, Camboriú, Lages e Foles possuem um total de 45

moradores. Pescam principalmente em mar aberto ou então com redes de arrasto na praia. O acesso a estas vilas se dá através de uma longa e difícil caminhada, por praias e trilhas por montanhas ou então por meio de embarcações, neste caso tendo que atravessar a Barra de Cananéia que é bastante perigosa. Sua situação geográfica trouxe um isolamento a essas comunidades, tornando-se difícil o contato com as mesmas. Dessas quatro comunidades, somente no Camboriú é que possui uma classe multisseriada do ciclo básico. Turistas e veranistas são comuns a todas essas comunidades, alugando casas de moradores, acampando em seus quintais ou ainda são eles os proprietários de algumas moradias.

As comunidades instaladas ao longo da estreita faixa de restinga, Vila do Marujá, Enseada da Baleia e Pontal do Leste, vivem basicamente da pesca no estuário e muitos dos moradores possuem "cerco". Pequenas culturas de mandioca de rama são bastante frequentes ao longo da restinga. Moradores do Pontal do Leste, extremo sul da ilha, cultivam também no Superagui, Paraná. Até aproximadamente meados de 1985, as pessoas das comunidades da Lage e do Marujá eram incentivadas ao extrativismo de plantas ornamentais (orquídeas, avencas, bromélias, etc.) para a venda em uma grande floricultura com base instalada em Cananéia.

A Vila do Marujá apresenta-se com o maior núcleo populacional da ilha, possuindo 58 casas (sendo aproximadamente 40% pertencentes a turistas que adquiriram seus lotes antes do decreto de criação do parque ou ainda compraram as casas de moradores locais). Possui em torno de 117 habitantes fixos porém, durante férias e feriados, é possível contar mais de 500 turistas no local. Existe ainda um hotel, uma classe multisseriada do ciclo básico, um posto de saúde, uma capela e bares onde alguns moradores e turistas compram seus suprimentos. Algumas casas possuem gerador de energia elétrica. Encontram-se aí pessoas empregadas em outras atividades além da pesca, principalmente durante férias e feriados, como sendo pedreiros, cozinheiras, arrumadeiras, faxineiras, caseiros, barqueiros e guias de turismo. Quase todos os moradores da vila alugam parcial ou totalmente as suas residências para turistas ou ainda o seu quintal para os campistas.

Na Enseada da Baleia e no Pontal do Leste existe uma classe multisseriada do ciclo básico em cada uma delas. Nessas vilas também é possível encontrar turistas proprietários de casas ou campistas em número menor em relação à Vila do Marujá.

Como meio de transporte público para chegar até essas comunidades, parte de Iguape e passa por Cananéia (às segundas, quartas e quintas-feiras e retorna às terças, quartas e sextas-feiras) uma barca, 2ª Munduba, que chega até o Marujá. Essa barca possui preço diferenciado para moradores locais e turistas, sendo que para turistas é bem maior, porém isso não dificulta o acesso dos mesmos até o Marujá. Turistas e veranistas também alugam barcos de pescadores de Cananéia para chegarem até estas vilas.

5 DISCUSSÃO

O extremo sul do litoral paulista vem sofrendo sistematicamente investimentos urbanos na área de turismo e atividades de veraneio, o que está expulsando as comunidades pesqueiras ou ainda assalariando as que permanecem no local. São conhecidas como zeladoras do equilíbrio ecológico e seu desaparecimento pode comprometer todo um imenso patrimônio natural (DIEGUES, 1989). O Parque Estadual da Ilha do Cardoso, apesar da legislação vigente que diz que qualquer exploração dos recursos naturais dos parques é proibida, e suas terras devem pertencer ao poder público (ANGELO et alii 1989), também não está a salvo dessa ameaça. Como ocorre com a maioria dos parques brasileiros, o problema fundiário acaba sendo um grande entrave para a sua real proteção.

Em 1962, quando a ilha foi decretada parque estadual, as famílias que viviam de atividades agropastoris e que não possuíam nenhum título de posse da terra, tiveram que se adequar a nova legislação vigente ou então, como aconteceu na maioria dos casos, migrar para bairros periféricos de Cananéia ou para a Ilha Comprida, vivendo miseravelmente com as suas famílias. Devido à forma de implantação do parque, até hoje torna-se difícil as comunidades participarem de programas de proteção à natureza.

A Ilha do Cardoso sempre foi alvo dos interessados em incentivar a especulação imobiliária e facilitar a ação de loteadores. Nas décadas de 40 e 50, loteadores chegaram a dividir a pequena Vila do Marujá em mais de dois mil lotes (PIO et alii, 1985). Graças a criação do parque, poucos compradores construíram no local que fora desapropriado pelo governo estadual. Ainda é possível a compra de casas de moradores locais e proceder a reformas que em geral descaracterizam a paisagem, cercando a propriedade, o que não é comum entre as comunidades tradicionais. Esse fato pode ser comprovado pelo alto número de casas de turistas, chegando a 40% do total. Esse valor atesta o grande potencial para a descaracterização da comunidade. A Vila do Marujá, por estar assentada sobre um cordão de areia, tem seu lençol freático bastante raso e, sendo assim, é facilmente contaminado pelo esgoto das fossas, principalmente durante grandes temporadas em que a vila fica lotada por turistas e veranistas, chegando a ficar cinco vezes maior que o número de residentes locais. Pessoas com problemas de infecção intestinal, principalmente crianças, aparecem com frequência, após temporadas de verão. Soma-se a este problema a grande quantidade de lixo que é gerada durante esta época e cujo destino final é ficar espalhado na vila ou em sua praia, pois, não existe serviço de coleta de lixo pela prefeitura de Cananéia no local.

Desenvolveu-se muito o turismo de passeios de barcos pelo canal. Há firmas especializadas em Cananéia que empregam sazonalmente pescadores das vilas para trazerem pessoas até o parque. Lanchas particulares também trafegam incessantemente pelo canal e, nas

circunvizinhanças destas, é comum observar-se toda a espécie de lixo. Tudo isso, sem dúvida, tem contribuído sobremaneira para o afastamento do peixe, base da produção das famílias caiçaras, provocando seu êxodo e a sua marginalização (SIQUEIRA, 1989).

Considerando que não há na Vila do Marujá infraestrutura para receber toda essa massa de turistas e muito menos meios para estabelecer um controle do assédio dos mesmos, torna-se urgente melhorar o esquema de vigilância e as informações ambientais sobre o Parque Estadual da Ilha do Cardoso, bem como ter a população local como instrumento de defesa de seu patrimônio cultural e natural, para que não se repita aqui as irremediáveis conseqüências de um turismo desordenado, à exemplo do restante do litoral de São Paulo.

6 AGRADECIMENTOS

Ao WWF-US pela bolsa concedida e ao Dr. Luiz Henrique D. C. L. de Oliveira, da Fundação Florestal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELO, S. coord., 1989. *Ilhas do Litoral Paulista*. Secretaria do Meio Ambiente - Série Documentos. São Paulo. 51 p.
- ANGELO, S., 1990. Picinguaba: Três décadas numa vila de pescadores do litoral norte do Estado de São Paulo. *II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira*. Academia de Ciências do Estado de São Paulo, 4:96:120.
- BECK, A., 1989. *Lavradores e pescadores: uma contribuição a discussão do conceito de pesca artesanal*. Coletânea de trabalhos apresentados no III Encontro de Ciências Sociais e o Mar. 289-294.
- DIEGUES, A. C. S., 1989. *Tradição e mudança nas comunidades de pescadores no Brasil: por uma sócio-antropologia do mar*. Coletânea de trabalhos apresentados no III Encontro de Ciências Sociais e o Mar. 1-20.
- DIEGUES, A. C. S. 1990. Populações humanas e ecossistemas litorâneos da região sul-sudeste. *II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira*. Academia de Ciências do Estado de São Paulo. 3:123-146.
- PIO, D. M. et alii, 1985. Dossiê Complexo Estuarino Lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá. OESP 144 p.
- SIQUEIRA, P., 1989. *Os caiçaras do Litoral Norte de São Paulo*. Coletânea de trabalhos apresentados no III Encontro de Ciências Sociais e o Mar. 263-271.
- TOMMASI, L. R., 1990. Efeitos Antrópicos sobre o Ecossistema Marinho das Regiões Sul - Sudeste do Brasil. *II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira*. Academia de Ciências do Estado de São Paulo. 1:53-54.